

***OS CEGOS E O ELEFANTE: AS DIVERSAS PERCEPÇÕES
SOBRE A UNIVERSIDADE***

Fernando A. Leite de Oliveira, editor

Para quem viveu e acompanhou as mudanças no contexto universitário brasileiro nos últimos 40 anos, vários olhares de espanto sobre o que havia e o que existe podem servir de reflexão para os que procuram construir educação com responsabilidade social.

Até o final da década de 60, das poucas universidades existentes no Brasil, predominavam as federais e a USP em S.Paulo. As exceções eram as particulares como as PUCs e as chamadas confessionais.

A partir do acordo MEC-USAID no final da década de 60, grandes mudanças passaram a ocorrer em tal contexto. Os programas de pós-graduação, raríssimos até então, passaram a ser oferecidos pelas grandes universidades em número cada vez maior. As faculdades particulares isoladas foram criadas e aprovadas em quantidade cada vez maior. Havia falta de mão de obra docente qualificada, sendo os docentes profissionais não preparados para o magistério do ensino superior e para a pesquisa. A consequência foi que o ensino superior se transformou em muitos lugares na mera transmissão de conhecimento, com docentes ensinando como procediam em sua prática profissional como receita para os futuros graduados.

Através da ação política, algumas novas universidades federais foram criadas, como foi o caso da Universidade Federal de Uberlândia-MG na década de 70. Por outro lado, as faculdades particulares criadas a partir da década de 60, começaram a se expandir e se tornarem complexos educacionais.

Mas foi por exigência dos órgãos reguladores do governo federal que a qualificação de pesquisadores e docentes começou a mudar o modelo de ensino universitário. Nas universidades federais, a partir de década de 80, o

ingresso passou a se fazer através de concursos públicos com a exigência de titulação em pós-graduação. A partir do início dos anos 90 começaram a serem oferecidos os mestrados na Universidade Federal de Uberlândia e a qualificação se tornou cada vez mais acelerada. Isso, partindo do pressuposto que a Universidade existe em função do tripé: ensino, pesquisa e extensão.

A realidade universitária hoje é totalmente diversa. Grandes complexos se expandiram por todo país. Universidades com mais de 50.000 alunos contam com campi em diversas regiões do Brasil, em ensino presencial ou à distância.

No nosso microcosmo educacional, tivemos grandes alterações nos últimos anos. Cursos que perderam sua clientela e foram fechados, docentes que se qualificaram através da FEIT/UEMG e que migraram através de concursos para IES federais em busca de melhores condições profissionais. A clientela de toda região que estudavam aqui há vinte anos foi substituída por pessoas mais próximas da cidade, em vista da abertura de tantas unidades universitárias em muitas cidades.

Como na fábula dos cegos que apalpavam parte do elefante e cada um falava que o elefante era uma palmeira, ou um espanador ou uma rocha, cada pessoa pode dizer que a universidade é um mero lugar de trabalho, ou um lugar de produção do conhecimento, ou um contexto de formação de profissionais ou lugar de transmissão do conhecimento.

O diferencial da nossa IES continua a ser um ensino de qualidade com a busca de experiências que levem nossos alunos e ter uma melhor perspectiva de vida pessoal e profissional.

É nesse todo que existe um periódico que prima pelo incentivo e pela divulgação do conhecimento científico produzido aqui ou fora, o que se torna realidade pelo esforço de algumas poucas pessoas que colocam muito de seu esforço pessoal e de seu tempo para que a revista continue atualizada e significativa para a Instituição.